

Política

—CRISE—

O discurso de quarta-feira aos guardas-marinha teve pouca repercussão (mesmo entre militares, houve quem não considerasse a fala e o local apropriados). E o presidente Sarney reuniu-se ontem com sete de seus ministros para expressar seu otimismo quanto à vitória do presidencialismo com cinco anos. Mas também deixou abertos canais de negociação.

Sarney: "Não deixem a peteca cair"

Depois do forte discurso da quarta-feira, ontem ele reuniu-se com sete ministros e mostrou-se otimista, mas pediu que trabalhem até a vitória final.

"Não deixem a peteca cair", foi a recomendação final, ontem, do presidente José Sarney, durante reunião com um grupo de sete ministros, mais o assessor especial Thales Ramalho e o líder Carlos Sant'Anna, e que acabou em clima de euforia diante da conclusão, depois de contabilizados os números, de que a maioria da Constituinte deverá aprovar o regime presidencialista, com cinco anos de mandato. Mesmo assim, ele recomendou o máximo de empenho aos ministros, enquanto surgiam, nos meios políticos e militares, opiniões contraditórias sobre seu discurso de anteontem, em que recomendou "agüentar o fogo que a vitória será nossa". Contraditórias também foram declarações do governador de Pernambuco, Miguel Arraes (que esteve com Sarney anteontem) — de que o presidente está disposto a negociar — e as dos ministros participantes da reunião, de que Sarney fecha questão em torno do presidencialismo e dos cinco anos.

Oficiais de alta patente que analisaram o discurso de Sarney, com algumas exceções, o consideraram "realista". E as "forças civis", que segundo o presidente "se dividem, dilaceram-se e enfraquecem as instituições", segundo esses oficiais, estão concentradas no PMDB. Considerado por eles um partido fisiológico, "que quer fazer governo e oposição ao mesmo tempo", o PMDB, dizem, dirige a Constituinte em função de casuísmos. E citaram o exemplo do sistema de governo. Para esses oficiais, porém, toda a classe política está desgastada e sem credibilidade.

Um coronel, no entanto, disse que Sarney não deveria colocar a estabilidade do País em risco em função da redução de seu mandato. E recomendou um plebiscito para se decidir a questão. Um outro, oficial-general, disse que Sarney falou de política em local errado — um navio-escola, e que a citação do almirante Barroso ("agüentar o fogo que a vitória será nossa") foi equivocada, pois o almirante falava de um inimigo externo. Outro oficial, o brigadeiro Paulo Costa, da reserva mas próximo ao pessoal da ativa, descartou qualquer possibilidade de os militares se envolverem numa aventura tipo Estado Novo, de 1937, mas ressaltou:

"Se não há um consenso para a intervenção agora, há uma interferência cada vez maior dos militares na transição político-institucional".

Mandato: contradições.

Às 10h45 da manhã de ontem, o próprio Sarney ligou para Ulysses Guimarães, perguntando a data da votação do sistema de governo e do mandato dos presidentes da República. Tanto a data como as posições estão indefinidas, foi a resposta. Mais tarde, os ministros que se reuniram com Sarney diziam que ele fecha questão pelo presidencialismo e cinco anos de mandato, "a tendência mais forte na Constituinte", disse um deles.

No entanto, ao governador Miguel Arraes e ao deputado Expedito Machado (PMDB-CE), Sarney revelava sua disposição de negociar. E para aumentar a confusão, o ministro da Saúde, Borges da Silveira, confirmava a um grupo de parlamentares que Sarney está mesmo disposto à negociação e

que levaria a ele a proposta de parlamentarismo com cinco anos de mandato.

Ulysses também entrou nessa onda de contradições. Numa entrevista, negou a existência de proposta de acordo sobre o sistema de governo. A seguir admitia que, "havendo possibilidade de acordo, vamos fazê-lo. Por que não iríamos? A política tem horror ao impasse, ao beco sem saída". E seguiu dizendo que só nas ditaduras não há entendimento, que democracia é "técnica política de convívio... que pressupõe a transigência, a compreensão", que ele tem sua idéia, "mas preciso conviver com outros que têm idéias diferentes..."

E a interpretação dos participantes da reunião na madrugada de quarta-feira na residência de Ulysses é que essas declarações significam que ele já aderiu à fórmula do parlamentarismo com cinco anos, por ser a única capaz de conceder a vitória a todos os grupos. E a estaria negociando com Sarney.

Arraes, de seu lado, foi ontem a Ulysses dizer que Sarney "não representa obstáculos às negociações em busca de uma saída para o País". Quase ao mesmo tempo, o ministro Costa Couto assegurava que Sarney só está acompanhando o desenrolar dos acontecimentos por estar eticamente impedido de negociar, porque está em jogo seu mandato.

Apesar disso, Arraes disse também não acreditar em acordo sobre sistema de governo e quem vai decidir, pelo voto, é a Constituinte. E o governador, que esteve com Sarney, disse desconhecer qualquer entendimento com o presidente em torno do mandato e sistema de governo.

Votação domingo?

De Ulysses, ele ouviu que o sistema de governo deverá ser votado "o mais rápido possível", e que o presidente da Constituinte pretende intensificar os contatos com os governadores, diante da proximidade do dia dessa votação. Oficialmente, Ulysses convocou sessões de votação para este final de semana e o sistema pode ser votado "até mesmo no domingo, se for conveniente", disse ele.

Hoje, às 9h, Ulysses tem encontro marcado com o ministro da Justiça, Paulo Brossard, mais os presidentes do PFL, Marco Maciel, e do PDS, Jarbas Passarinho.

Estratégia

De qualquer forma, os ministros que participaram da reunião de ontem com Sarney (Costa Couto — Gabinete Civil; Antônio Carlos Magalhães — Comunicações; Jader Barbalho — Reforma Agrária; Prisco Viana — Habitação; José Hugo Castelo Branco — Indústria e Comércio; José Reinaldo — Transportes; e João Alves — Interior) definiram a estratégia para a vitória do presidencialismo em dois rounds: no primeiro, serão intensificadas as negociações para derrotar os parlamentaristas, que segundo eles, devido à sua força, vêm obrigando alguns constituintes a fazer "jogo duplo" enquanto a matéria não é votada. No segundo, "o Executivo lançará todas as cartas para a fixação do mandato de cinco anos também para o presidente Sarney", o que será uma tarefa fácil, segundo um deles, caso o primeiro obstáculo for vencido.



O presidente pode sair. E Alfonsín vem.

O Senado aprovou ontem o pedido de autorização para que o presidente Sarney possa ausentar-se do País para visitar a Índia, a China, a União Soviética, a Bolívia e Angola. Anteontem o senador Ruy Bacerlar (PFL-BA) conseguiu impedir a aprovação com um pedido de verificação de quórum. Ontem ele não obteve êxito, já que existia quórum suficiente. No mês que vem, Sarney

recebe o presidente da Argentina, Raul Alfonsín, em Natal, e seguem para a cidade de Parelhas, onde inauguram uma barragem com o nome do presidente argentino. Em seguida vão à cidade de Maysa visitar um grande projeto de irrigação. No dia 8, Sarney e Alfonsín estarão em São Paulo para uma visita à usina de enriquecimento de urânio, em Iperó, perto de Sorocaba.

E ele vai descansar no Pantanal

O presidente Sarney gostou do sossego nos fins de semana. Depois de Fernando de Noronha, chegou a vez de Poconé.

O presidente José Sarney deveria viajar em segredo, hoje, para o interior do Mato Grosso, mas a notícia vazou no Palácio do Planalto, irritando o Gabinete Militar, que havia programado um outro fim de semana paradisíaco, agora em pleno Pantanal (o anterior foi passado em Fernando de Noronha), em meio a antas, piranhas e jacarés.

Sarney e sua mulher, dona Marly, além do general Bayma Denys, chefe do Gabinete Militar, e do presidente da Legião Brasileira de Assistência (LBA), Marcos Vilaça, serão hóspedes do empresário Sebastião Camargo, dono da Construtora Camargo Corrêa, que possui uma fazenda a cerca de 150 quilômetros de Cuiabá, no município de Poconé. O presidente embarca às 15h45, na base aérea de Brasília, com retorno previsto para domingo às 9h.

Mesmo com o vazamento da notícia, o Planalto não forneceu, oficialmente, nenhuma informação sobre o roteiro da viagem.

classificada de "confidencial e pessoal". Para todos os efeitos, apenas a mulher do presidente, dona Marly Sarney, está-se deslocando para o Mato Grosso do Sul, onde vai inaugurar programas desenvolvidos pela LBA na cidade de Corumbá. Mais tarde, no entanto, ela se integra à comitiva presidencial para conhecer a fazenda da Camargo Corrêa.

O Planalto nada informou também sobre a fazenda, que serviu de cenário para um almoço com a participação do ex-presidente João Figueiredo, em 1982, que na ocasião se admirou com a quantidade de piranhas nos rios que cortam a propriedade.

De oficial, o Planalto divulgou apenas um pequeno incidente, ocorrido ontem com o avião Brasília que fez o voo precursor do programa a ser cumprido hoje por dona Marly. Devido ao mau tempo, o avião não pôde pousar em Corumbá e foi obrigado a mudar a rota, permanecendo em Cuiabá.



Arraes (acima, no plenário); Sarney não será empecilho.